



Conhecimento agroecológico: relato de experiência no Polo da Borborema-PB *Agroecological knowledge: experience report at the Borborema-PB Pole*

MARQUES, Marcley da Luz ¹; GOIS, Pamela Karina de Melo²; ARGOLO, Kriscia Santos³

¹ UFRPE, marcleymarques@gmail.com; ² UFRPE, pamelagois@ufrpe.br, ³ UFRPE, kriscia.argolo@ufrpe.br

RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

Eixo Temático: Construção do Conhecimento Agroecológico

Resumo: Este trabalho trata-se de um relato de experiência de uma imersão no Polo da Borborema-PB em parceria com o Programa de Pós-Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Nosso objetivo é refletir as práticas agroecológicas desempenhadas nesse Polo. Para tanto, recorremos aos aportes teóricos sobre os princípios da Agroecologia e os saberes dos povos na relação dos seres humanos com a natureza. Buscamos uma metodologia qualitativa, usamos o recurso relato de experiência em uma perspectiva descritiva e reflexiva. Utilizamos a análise interpretativa dos dados e foi possível compreender que esse território vem realizando um trabalho significativo de práticas exitosas no cuidado da terra e nas relações humanas e seus saberes, apesar das dificuldades pela falta de assistência do Estado em Políticas Públicas e visibilidade das práticas agroecológicas, há a participação da AS-PTA em fortalecer os conhecimentos dos povos na produção da agroecologia.

Palavras-chave: agroecologia; práticas; saberes; territórios.

Contexto

Devido aos avanços do sistema capitalista, especialmente, no campo brasileiro, onde encontramos um arsenal de materiais poluidores e extensão territorial na produção de monoculturas, faz-se necessário alternativas de conservação à natureza.

Em face do exposto, a Agroecologia assume um papel fundamental de diálogo e valorização positiva dos saberes-fazer ambientais, visto que, para Leff (2002), ela trata das relações de técnicas e práticas na produção de alimentos e relações menos predatórias dos sujeitos com a natureza. Conclui-se que o fazer agroecológico proporciona conhecer os saberes-fazer tradicionais dos povos - oprimidos pela sociedade dominante - com a finalidade de ressignificar a contribuição em nossa história e sua existência (LEFF, 2002).

Conforme Moraes, Silva e Sorrentino (2019) esclarecem que a Agroecologia se sustenta de todos os caminhos do conhecimento, experiências, práticas e saberes das comunidades e territórios para que tenhamos o fortalecimento da agricultura sustentável.



Nessa perspectiva a Agroecologia é compreendida como um saber ambiental de possibilidade impulsionadora de uma prática transformadora, pois colabora para a construção de um novo paradigma na agricultura (JACOB et al., 2016).

Caporal e Costabeber (2004) afirmam que não podemos confundir a Agroecologia como um tipo de agricultura e nem tão pouco como práticas amigáveis, mas como práticas ancestrais, que trazem afetividade e histórias dos povos tradicionais, originários na relação humanizada com a natureza, em uma compreensão recíproca com o meio ambiente.

Nessa conjuntura, o Programa de Pós-Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial – PPGADT, ofertado pela UFRPE, em parceria com a UNEB e UNIVASF dispõe de uma metodologia interdisciplinar. Então, além de aulas mediadas por mais um/a professor/a promove encontros *in loco*, intitulados imersões, para possibilitar aos discentes contatos com as comunidades, organizações e demais movimentos.

Dessa forma, a nossa pesquisa tem como objetivo relatar sobre as vivências e reflexões experienciadas durante a imersão no Polo da Borborema-PB nos dias 25 e 27 de maio de 2023, mais precisamente, nos municípios Remígio, Esperança e Lagoa Seca.

E assim, o nosso trabalho dialoga com a realidade de territórios de agricultores/as familiares no tocante a falta de assistência do Estado nação, sobretudo, iniciativas impulsionadoras na disseminação de práticas e saberes agroecológicos, por isso indagamos como se dá a construção do conhecimento agroecológico no Polo da Borborema-PB?

Desse modo, o relato de experiência interpreta a vivência das autoras e as impressões do Polo da Borborema-PB em preservar os conhecimentos agroecológicos, sobretudo, resistir a todas as alternativas de desterritorialização imposta pelo sistema hegemônico.

Descrição da Experiência

O presente estudo utilizou a metodologia de abordagem qualitativa, porque pretendeu trazer a realidade dos fatos que não são quantificados (MINAYO, 2009). Haja vista, a nossa pesquisa buscou refletir sobre os processos agroecológicos desenvolvidos no Polo da Borborema-PB.

Para tanto, escolhemos o procedimento metodológico relato de experiência descritivo e reflexivo, em razão do registro de experiências vivenciadas nos municípios Remígio, Esperança e Lagoa Seca nos dias 25 e 27 de maio de 2023. Ressaltando que houve encontros virtuais com os sujeitos do território via *google meet* nos dias 23, 24 e 25 de março de 2023.



A imersão no Polo da Borborema-PB é fruto de uma prática interdisciplinar no Curso de Pós-Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Esta desenvolveu-se mais especificamente no semestre 2023.1 junto a turma “Cuscuz com Charque”.

De acordo com Mussi, Flores e Almeida (2021) o relato de experiência é uma forma de registro que possibilita compreender as relações humanas e aprendizagens advindas das experiências socioculturais.

Dessa maneira, esse trabalho teve como característica observar, registrar e analisar as atividades realizadas nesse Polo. Usamos o diário de campo para fazer as anotações e para análise dos dados recorremos à análise interpretativa (MOITA LOPES, 1994) a partir das categorias: auto-organização, mulheres, juventude e os conhecimentos das famílias agricultoras.

Resultados

A dinâmica de auto-organização desenvolvida no território do Polo da Borborema se caracteriza pela constância de processo formativo desempenhado, principalmente, pela assessoria técnica da ASPTA que valoriza o conhecimento dos agricultores e das agricultoras.

Essa assessoria tem como metodologia fortalecer as identidades, os saberes e busca desenvolver a autonomia compreendendo como base fundamental no fortalecimento do Polo da Borborema.

O Polo orienta-se por alguns princípios, são eles: valorização dos conhecimentos das famílias, leitura compartilhada da realidade, estímulo à experimentação e ao intercâmbio. Isto reflete na autoestima dos/as envolvidos/as, promove a troca de saberes, aprimora conhecimentos e também fortalece o processo de participação ativa.

Além disso, o Polo organiza-se em oito comissões temáticas, destacamos aqui a comissão de mulheres, saúde e alimentação, fruto de reivindicação delas. Pois são elas, as atrizes, que organizam o projeto “arredor de casa” com o cultivo de plantas medicinais, traz à tona o debate da divisão justa do trabalho doméstico.

O papel das mulheres destaca-se na defesa deste território. Estrategicamente, o sistema hegemônico patriarcal e misógino vigente tenta invisibilizar a contribuição das mulheres na manutenção da vida. Porém, como afirma Silvia Federici (2022, p. 200) “a resistência ao ataque do capitalismo cria formas mais cooperativas de existência (...) e as mulheres são as principais protagonistas dessas mudanças”.

Nesse sentido, é evidente que a participação política das mulheres está intrinsecamente relacionada à defesa dos territórios. Seja contra o avanço das



mineradoras, do agronegócio e a qualquer exploração à natureza. No Polo da Borborema as mulheres têm contribuído de maneira direta contra o avanço das energias renováveis. Além disso, realizam a Marcha das Mulheres envolvendo temáticas relevantes a cada ano.

Quanto à juventude, era notório o protagonismo dos jovens do território, que por meio de trocas de experiências desenvolvem o empoderamento e o interesse de continuarem no campo, apesar de todas as dificuldades e da escassez de políticas públicas do Estado no meio rural. Segundo Aguiar e Stropasolas (2010) de um modo geral, são precárias as condições de infraestrutura encontradas no meio rural, principalmente, em relação às más condições das estradas, da distância dos centros urbanos e da má qualidade dos serviços de transportes oferecidos, o que dificulta a continuidade dos estudos dos jovens que desejam continuar frequentando o Ensino Médio e a Educação Superior.

Santana et al. (2020) apontam como fatores que potencializaram a desigualdade social no campo e a formação de “cinturões de miséria” em médias e grandes cidades, a estrutura fundiária brasileira e a inoperância das políticas públicas voltadas ao público da agricultura familiar.

Em contrapartida, o empoderamento encontrado é visto, segundo Berth (2019), como instrumento de emancipação política e social, que vai além de traçar regras padronizadas de como cada um pode contribuir e atuar para as lutas dentro dos grupos minoritários, e sim, visa superar relações paternalistas, assistencialistas ou de dependência entre indivíduos.

O sentimento de pertencimento e o interesse de se manterem no território infelizmente não é uma realidade dos jovens rurais, conforme observado por Muller (2016) em pesquisa realizada com estudantes rurais da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) – Campus Realeza – PR, sobre as perspectivas em relação à permanência no espaço rural, os quais afirmaram que não querem permanecer no espaço rural, pois possuem o objetivo de se qualificar para ingressar no mercado de trabalho não agrícola.

Outro destaque observado no território é a valorização e trocas de saberes e práticas das famílias agricultoras, a partir dos/das agricultores/as experimentadores/as, que possuem um sentimento de partilha, solidariedade e de não exploração dos demais produtores/as. Esta valorização dos conhecimentos e dos saberes-fazeres da comunidade é vista por Gomes (2012), parte importante na Agroecologia, sobretudo, a valorização dos conhecimentos tradicionais que levam em consideração a relação do Ser Humano com a natureza, possibilitando um desenvolvimento sustentável e sem promover degradação ambiental.

Por fim, o Polo da Borborema apresenta diálogos fecundos com a Agroecologia na construção do conhecimento em defesa do território. E as imersões promovidas pelo PPGADT possibilitam uma leitura mais crítica da realidade, envolvendo os atores e



atrizes locais como interlocutores/as de estratégias coletivas para a superação de desafios concretos na construção de territórios mais sustentáveis. Isto reflete num processo educativo, mais coerente às necessidades de avançar na construção de

uma ciência mais holística com a elaboração de produtos e teses mais engajadas na construção da Agroecologia.

Agradecimentos

Nós, estudantes do PPGADT da UFRPE, turma “Cuscuz com Charque”, agradecemos o convite em participar da imersão no Polo da Borborema-PB, em especial, a todas e todos do Polo da Borborema, que estiveram conosco durante os dias 25 e 27 de maio de 2023 proporcionando conhecimentos agroecológicos e o sentido da vida em uma relação de cumplicidade com a natureza.

Referências bibliográficas

AGUIAR, Vilênia Venâncio Porto; STROPASOLAS, Valmir Luiz. As problemáticas de gênero e geração nas comunidades rurais de Santa Catarina. In: SCOTT, Parry; CORDEIRO, Rosineide; MENEZES, Marilda. **Gênero e geração em contextos rurais**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2010. Disponível em: https://www.ufpe.br/documents/1016303/1020379/genero+e+gera_o+em+contextos+rurais.pdf/171b01b8-2ded-48dc-9639-8e7e34c7bbcc. Acesso em: 25 jun. 2023.

BERTH, Joice. **Empoderamento**. Sueli Carneiro; Pólen. São Paulo, 2019.

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio. **Agroecologia**: alguns conceitos e princípios. Brasília: MDA/SAF/DATER/ IICA, 2004.

FEDERICI, Silvia. **Reencantando o mundo**: feminismo e a política dos comuns. São Paulo: Elefante, 2022.

GOMES, João Carlos Costa. Bases Epistemológicas da Agroecologia. In: AQUINO, A. M. de; ASSIS, R. L. de. **Agroecologia**: princípios e técnicas para uma agricultura orgânica sustentável. Embrapa Agrobiologia, 2012.

JACOB, Luciana Buainain, et al. A agroecologia nos cursos de engenharia agrônoma: para além de desafios e dilemas curriculares. **Avaliação**. Campinas; Sorocaba, SP, v.21, n.1, p.173-198, 2016.

LEFF, Enrique. Agroecologia e saber ambiental. **Revista Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**. Porto Alegre, v.3, n.1, jan./mar.2002, p. 36-51.

MORAES, Fernanda Correa de; SILVA, Rafael Falcão; SORRENTINO, Marcos. Agroecologia e educação ambiental: ferramentas de análise e a construção de



conhecimentos. **Revista de Educação Ambiental**. Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental. v. 24, n. 2, 2019. p. 211- 235. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/ambeduc/article/view/9730> Acesso em: 19 jun. 2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Pesquisa interpretativista em linguística aplicada: a linguagem como condição e solução. **Delta: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 329-383, 1994. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/45412> Acesso em 20 jun. 2023.

MULLER, Merce Paula. **As jovens rurais e as perspectivas de permanência no espaço rural**: um estudo de caso no Campus Realeza da Universidade Federal da Fronteira do Sul. 2016. 158 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, campus de Francisco Beltrão, 2016. Disponível em: <https://tede.unioeste.br/handle/tede/1157>. Acesso em: 03 jul. 2023

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fábio Fernandes; ALMEIDA, Claudio Bispo de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Revista Práxis Educacional**. v.17, n.48, p.60-77, 2021.

SANTANA, José Ubitaran Rezende; GERVAIS, Ana Maria Dubeux; MOSQUERA, Oscar Emerson Zúñiga; MATTOS, Jorge Luiz Schirmer de. Curso de Bacharelado em Agroecologia para beneficiários da reforma agrária: a experiência do Pronera Alagoas. In: GERVAIS, Ana Maria Dubeux (org). **Agroecologia e territórios: imersões, sujeitos, experiências e caminhos para o desenvolvimento territorial**. – Recife: EDUFRPE. p. 182-205, 2020.